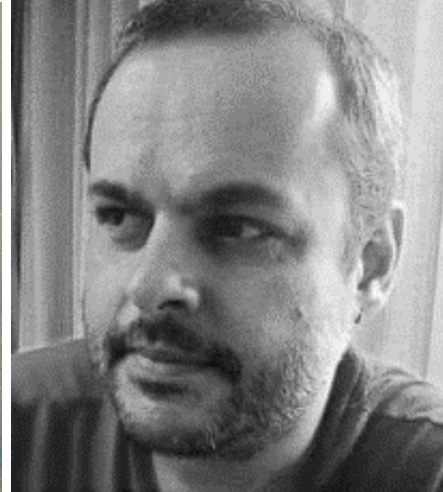


MARQUES, FERNANDO. *BESTA-FERA*.
DOMINGOS MARTINS: FRESTA, 2024.



Fernando Marques*

*B*esta-Fera é um livro de encruzilhadas. Concebido para servir de roteiro a um espetáculo de dança-teatro, foi forjado no cruzamento entre a literatura e as artes cênicas. Isso, no entanto, não o singulariza na obra deste autor – que é quem aqui escreve –, que busca uma dramaturgia capaz de atender às necessidades da cena, mas que possa também sobreviver a ela.

Nessa linha, estão outros trabalhos como *O grande circo ínfimo* (2008), *Insone* (2011) e *Vizinhos* (2014). No entanto, acontece também o contrário: *Catarina e*

* Dramaturgo, diretor e ator (Muriaé, MG, 1970).

Venceslau (escrito em 2017) e *A sereia da Ana e o panda da Carmem* (escrito em 2016) – ambos no prelo – foram concebidos como livros para a infância e a juventude, mas têm, desde sua feitura, um flerte com o teatro.

Isso significa que minha formação, com passagem interrompida pelo curso de Letras na Ufes, está voltada prioritariamente para o teatro, em que atuo como dramaturgo, diretor, e eventualmente como ator; além de integrar o Grupo Z desde sua fundação, em 1996, e o Fresta (2020) – coletivo de artes visuais sediado em Domingos Martins, onde resido atualmente. Aliás, sobre a importância do Grupo Z em minha formação, cabe citar Guilherme Diniz, no *Portal de Dramaturgia* (2022),

O autor é prolífico, tendo já escrito mais de vinte textos teatrais, que, em termos estéticos, apontam para diferentes humores, estilos, formatos e concepções. Há, porém, um fundamental denominador comum que aproxima grande parte de suas criações sem, claro, homogeneizá-las. Fernando Marques elabora suas peças em íntimo diálogo com os atores, com seus corpos e, enfim, com a contextura do palco. A palavra proposta pelo dramaturgo é, nas salas de ensaio, recriada, revista, de modo que a sua tessitura dramática não se dá, em geral, isoladamente. Neste sentido, o seu percurso se confunde com a própria biografia do Grupo Z, do qual é membro fundador. Foi nesse coletivo que Marques consolidou, gradualmente, a sua poética.

Voltemos, entretanto, a *Besta-Fera*. Além de, como já dito, ter surgido entre a cena e a literatura, o livro é estruturado em encruzilhadas, já que assim é nomeada cada uma das seis seções que o compõem. Também em encruzilhadas estão as personagens com que se depara quem lê a obra – todas elas mulheres às quais se atribuiu o caráter de monstros por terem, em alguma medida e de alguma forma, desafiado o estereótipo de feminilidade e que ficam, portanto, entre o humano e o monstruoso.

Afora as seis encruzilhadas, antes e depois delas – abrindo e fechando o livro –, está Hécate que, no panteão grego, era a rainha da magia e protetora das feiticeiras, habitante do submundo. Era também considerada a dona dos caminhos e eram as encruzilhadas de três vias, numa semelhança com a brasileira Pombagira, os locais em que eram entregues suas oferendas. É Hécate,

a que conduz os fantasmas, que está no início e levará pelas mãos quem se dispuser a atravessar o texto.

A sequência dos cruzamentos que formam o livro é reiterada pelo uso dos ordinais: “A primeira encruzilhada é o mar”; e é assim que se segue do mar ao mangue, deste à floresta, dela ao sertão, dali à cidade e de lá aos confins. Essa ordenação numerada parece indicar que o trajeto não se faz ao acaso, mas segue um itinerário da origem da vida ao fim do mundo – não num caminho que fosse previamente determinado, como um destino inexorável, mas que se dá pela construção humana, o que se evidencia pela passagem dos sítios naturais ao sertão e à cidade para que, então, se chegue ao fim do mundo.

Sobre as encruzilhadas, vale ainda dizer que nenhuma delas é lugar de paz, não há nada de idílico nelas. O mar é fúria e é sumidouro; o mangue quer devorar inteiro quem nele se aventura; a floresta sussurra que não deveria estar ali quem se apequena dentro dela; o sertão é infinito e incontornável; a cidade, engolidora de sonhos e gentes, é o próprio inferno; os confins, todo lugar onde alguém morre pela ação de um seu semelhante – “com as mãos, armas, venenos, bancos, juros, lucro. Os confins são ainda, portanto, todo lugar” (p. 54).

É ao longo desse caminho que se encontram as bestas-feras, as mulheres que, ao se negarem a certa ideia de feminino, tiveram negada a sua humanidade. E talvez não seja de todo ilegítimo pensar que o fim do mundo vai se construindo à medida que aquelas mulheres vão sendo bestializadas, que se vai negando a elas a humanidade.

Na primeira encruzilhada, o mar, estão Cila e as sereias. Cila, transformada em monstra por recusar o assédio de um deus, ameaça os navegantes cujas embarcações passam próximas ao rochedo que ela habita. As sereias, com suas cabeças de mulher e corpo de aves (como eram as sereias gregas; só mais tarde surgiram os seres metade mulher e metade peixe), se alimentam dos marinheiros que cedem à tentação do seu canto – que prometia o conhecimento que elas,

tendo sobrevoado todo o mundo, detinham, e não por atributos sensuais a que foram reduzidas posteriormente.

No mangue, Circe, que transforma homens em porcos – ou, quem sabe, revela sua verdadeira natureza – e detém o conhecimento de ervas e feitiços; e Aurelia, a mulher-cavalo que, no conto de Silvina Ocampo, não pôde ser domada.

Na floresta, as icamiabas, guerreiras amazônicas que viviam sem homens e eram capazes de subjugar-los em batalha; e Lilith, a primeira mulher criada e a primeira a não se submeter.

No sertão, Mula-Marmela, a maritida criada por Guimarães Rosa que, embora tenha matado um facínora que aterrorizava a todos, não pôde ser perdoada e andava acompanhada pela morte; e Luzia-Homem, a operária de força extraordinária, personagem-título do romance de Domingos Olímpio, capaz de matar para defender a si mesma e a outra mulher.

Na cidade, Medusa, estuprada por um deus e cuja face, mesmo depois de morta, abate inimigos; e as amazonas, as lendárias guerreiras capazes de aniquilar exércitos.

Nos confins, Medeia, sempre exilada, a que rodou o mundo e que, tendo derrotado pai, irmão, maridos, reis, ficou conhecida por sacrificar a própria prole; e as valquírias que, diante de um grande tear, usando tripas humanas como fios, cabeças decepadas como pesos, espadas e lanças como lançadeiras, decidem quais são os guerreiros que morrerão em batalha justamente por serem os seus preferidos.

Vale a pena, aqui, pensar na seleção dessas personagens, no porquê de estarem reunidas, no que elas têm em comum. Sim, já foi dito no próprio livro e mesmo aqui: são mulheres que, por negar a feminilidade em alguma instância, foram consideradas monstros. Mas é possível aprofundarmo-nos nisso.

Sobre as amazonas, diz-se, à página 48, que são mulheres que Hércules, Aquiles e Teseu tiveram que vencer, o que leva à pergunta: “o herói só é herói se subjuga

uma mulher que luta?” Mas pode-se também examinar o caso de Perseu, que provou seu valor derrotando a Medusa. Jasão só conseguiu a glória (e posteriormente a desgraça) porque colocou Medeia para lutar por ele. Ulisses, em seu regresso à Ítaca, precisou passar pelos perigos que eram Cila e as sereias – o que foi possível graças à ajuda de Circe, a quem ele já tinha dominado.

Então, talvez seja mesmo isto: o herói só é herói se subjuga uma mulher que luta, e mais: essas mulheres se tornaram monstras quando ameaçaram homens, seja por sua força física ou moral, por sua capacidade bélica, por seu poder sobrenatural, por saberem mais que eles, por mera insubordinação. Mais do que o fato de terem sido bestializadas, reúne essas mulheres em *Besta-Fera* o motivo pelo qual isso aconteceu: o fato de elas representarem uma ameaça ao homem.

Tentar negar sua monstruosidade talvez fosse um caminho – provavelmente o mais óbvio – para reconhecer ou recobrar a sua humanidade. No entanto, vale a pena lembrar o seguinte: o monstro é sempre o outro. E se há alguém que é tido como outro, é que há alguém eleito como norma – e aqui, sabemos, trata-se do homem branco, heterossexual e cisgênero. Assim, reiterar o que essas mulheres têm de monstruoso é afirmar a diferença e o direito a ela. As feras em questão cometeram o gravíssimo delito de dizer não à vontade de homens que tentaram submetê-las para exercer a delas. Logo, sua monstruosidade – o que é também dizer: sua diferença – está intimamente ligada à sua autonomia e ao seu direito de serem.

Entretanto, é preciso dizer que não se trata de um livro que examina e esmiuça as origens dessas personagens, recontando os mitos ou recriando as obras literárias de onde elas vieram. Assim como o espetáculo para o qual serviu de base, o texto quer é trazer essas mulheres ao meio do círculo, iluminá-las, dançá-las; revelá-las no centro do encontro que caracteriza as artes da cena ou que se dá entre o texto e quem o lê.

Pensando no procedimento de retirá-las de seu contexto primeiro, talvez não seja correto afirmar que as narrativas originais, ao plasmar as personagens no

passado, acabam por planificá-las. Mas também não é inexato dizer que a repetição dessas narrativas tende a eliminar muitas de suas complexidades. É assim, por exemplo, que é bem conhecida a figura monstruosa de Medusa, com serpentes em lugar de cabelos e que petrifica quem a mira, mas pouco difundida a versão de que se tornou isso por ser castigada depois de ser violada por um deus – embora fosse ela a vítima. Ou que de Medeia sabemos mais de uma suposta amargura de mulher traída, capaz de matar os filhos, mas conhecemos menos de sua capacidade estrategista. Ou que tenhamos cristalizado a imagem das sereias com rabos de peixe, vaidosas e sensuais com seus espelhos, provavelmente surgida durante o medievo, mas temos pouca informação sobre os seres com cabeças humanas e corpos de pássaros que conhecem tudo o que há sobre a terra.

Besta-Fera tira essas mulheres do tempo remoto da origem e dá a elas o tempo presente da fala. Ocupando espaços distintos pelo trajeto que Hécate desenha, do mar ao fim do mundo, todas estão no mesmo tempo – o agora. Tudo se manifesta no presente da leitura. É no tempo da leitura que Circe está de pé no estuário e olha para o longe, que as amazonas desfilam desafiadoras pela cidade, que as icamiabas lançam suas flechas.

Como na cena, não estando plasmadas no passado de sua gênese, não são apenas narradas por uma voz outra, alheia a elas; elas mesmas tomam em algum momento a fala e dizem de si mesmas, de suas trajetórias, de seus pontos de vista, de suas subjetividades.

É, então, como se o texto procurasse mimetizar a cena, ao buscar, como fazem teatro e dança, colocar as personagens em movimento diante dos olhos do leitor. E, com isso, revelar nelas mais camadas e profundidade – o que é também humanizá-las, sem precisar, no entanto, negar quem são ou o que se tornaram por não aceitarem o jugo que tentaram impor a elas.

Vale ainda lançar um olhar sobre o livro como objeto mesmo, como o suporte físico do texto – isso porque a edição é artesanal, feita pelo Fresta, coletivo

dedicado às artes visuais do qual faço parte. Aqui, a autoria vai além do texto, mas abrange o conjunto de materiais, a configuração do livro, suas ilustrações etc. Se na cena o texto verbal se une a outros de naturezas diversas (atuação, luz, figurinos, uso do espaço, coreografia etc.) para a criação de algo maior que a mera junção dessas unidades; aqui, com o livro temos algo parecido.

Em *Besta-Fera*, a aspereza do papel, a posição das imagens nas páginas, a crueza da capa não revestida, entre outros elementos, tudo isso se coaduna com suas personagens e com o que elas trazem. E tudo isso também está em diálogo com as serigrafias, impressões originais em cada exemplar, que ilustram as encruzilhadas trilhadas no livro. É possível ver nelas os traços de alguma literalidade, mas também é de se reconhecer que fogem de um figurativismo completo, resvalando em alguma deformação tendente ao abstrato. Ademais essa edição coloca o livro em mais uma encruzilhada, a que se forma agora com as artes visuais.

Por fim, ainda pode ser interessante ressaltar o caráter duplamente coletivo da criação da obra. No que diz respeito ao texto, ele foi escrito enquanto ia também sendo criado o espetáculo. Isso significa que a escrita foi, como é bastante comum nesse tipo de processo dramatúrgico, sendo contaminado pelo que iam fazendo as outras artistas da equipe – a coreógrafa-diretora e as intérpretes –, o que causava revisões, apontava caminhos, revelava o que talvez sozinho não fosse possível enxergar. E sobre o livro-objeto, já foram dados os créditos ao Fresta.

Percebe-se, então, que *Besta-Fera* se formou no entrecruzamento de muitos passos. E agora, estará nas encruzilhadas que eventualmente se formem nos encontros com quem porventura venha a lê-lo.

Referência:

DINIZ, Guilherme. Fernando Marques. In: SOUZA, Vinicius de. *Portal de dramaturgia*. 2022. Disponível em: <https://www.portaldedramaturgia.com/profile/fernando-marques>. Acesso em: 11 jun. 2024.

Recebida em: 10 de junho de 2024
Aprovada em: 20 de junho de 2024